

NO TEMPO EM QUE OS SERES HUMANOS CONVERSAVAM COM AS ÁRVORES...

Narcimária Correia do Patrocínio Luz¹

INTRODUÇÃO

Abrimos este texto com um alerta:

[...] A vida não é só isso que se vê, é um pouco mais... Que os olhos não conseguem perceber, e as mãos não ousam tocar, que os pés recusam pisar. Sei lá não sei, sei lá não sei não. Não sei se toda beleza de que lhes falo sai, tão-somente do meu coração. Em Mangueira a poesia num sobe e desce constante, anda descalço ensinando um modo novo da gente viver, de cantar, de sonhar, de vencer.

Sei lá não sei, sei lá não sei não, a Mangueira é tão grande que nem tem explicação.

(Hermínio Belo de Carvalho e Paulinho da Viola)

Esse alerta é um exercício e/ou um desafio que se impõem todos os dias aos professores e professoras que atuam nas escolas brasileiras. Não é fácil, sabemos! Ou seja, aprender a lidar com a riqueza de vida que nos cerca, para além dos muros, ou melhor, a arquitetura dos currículos submetidos ao monopólio da fala² sobre educação, que se restringe a reproduzir teorias e metodologias fixadas ao modo de existir característico dos valores e linguagens europocêntricos, que passam a ser referência absoluta para as políticas de Educação. O que vemos circular, no cotidiano dos currículos das nossas escolas, são repertórios sobre crianças, jovens e adultos, completamente afastados das dinâmicas existenciais que caracterizam suas comunidades, principalmente aquelas que se desdobram das civilizações aborígene e africana.

Essa vida plena de poesia que transborda na Mangueira no Rio de Janeiro, é uma pequena e bela ilustração da pulsão de vida e modos de existir que caracterizam diversas comunidades no Brasil que (re) criam de modo extraordinário os valores e linguagens milenares, legado dos seus ancestrais.

¹ Professora Titular do Departamento de Educação I da Universidade do Estado da Bahia-UNEB; Doutora em Educação; pesquisadora no campo da Diversidade Cultural e Educação; coordenadora do PRODESE- Programa Descolonização e Educação; autora dos livros: *Abebe - a criação de novos valores na educação*, Salvador: Edições SECNEB/2000; (Org.) *Pluralidade cultural e educação*. Salvador: Edições SECNEB: Secretaria da Educação do Estado da Bahia, 1996.

² Categoria elaborada por Muniz Sodré tendo, como referência o sistema midiático de comunicação.

Nas Américas, o Brasil representa um dos principais pólos irradiadores das civilizações africana e aborígene, e, apesar das características dessa realidade que constitui o patrimônio histórico-cultural da nação, o Estado brasileiro, até hoje, não conseguiu absorver e integrar a sua diversidade cultural, numa proposta de política educacional.

O desafio, portanto, é implementar políticas de Educação que aproximem os/as professores/as de referências teóricas e metodológicas que os façam identificar e assumir, com sabedoria, a riqueza da diversidade cultural que caracteriza o Brasil contemporâneo.

A série *Educação: oralidade, memória e formação* apresenta a indagação: *quais transformações seriam necessárias para afirmar que a “escola tem futuro”?*³

A contribuição que trazemos para enriquecer esse debate enfatiza a importância da ancestralidade como princípio fundamental para prover o cotidiano escolar de linguagens e valores que estabeleçam uma ética do futuro para as gerações que a freqüentam.

Dedicar-nos-emos a abordar aspectos do universo simbólico da ancestralidade africana, e dele extrair perspectivas teórico-metodológicas que contribuam para fortalecer a auto-estima das nossas crianças, jovens e adultos.

ANCESTRALIDADE, MEMÓRIA E CONTINUIDADE

Para entendermos o princípio de ancestralidade, uma pergunta se torna fundamental: *como preservar e expandir os valores da diversidade da vida para que esse mundo não se acabe?*

As sociedades contemporâneas vivem essa angústia, o que tem estimulado iniciativas coletivas de educadores, em todo o mundo, que buscam uma nova e urgente abordagem sobre educação, que valorize e respeite a diversidade civilizatória dos povos, e toda a dinâmica da vida que os envolve. É importante estabelecer canais, no cotidiano escolar, atentos à angustiante procura da compreensão sobre o estar no mundo, no universo, as histórias que inauguram o patrimônio ético-estético que caracteriza as culturas, os princípios milenares que atravessam os tempos influenciando as gerações sucessoras, enfim, o processo dinâmico da existência.

³ Cf. Indagação apresentada na proposta pedagógica elaborada por Pedro Garcia para o programa Salto para o Futuro, série Educação: memória e formação. Rio de Janeiro: TV Escola., março de 2006.

A ancestralidade, portanto, constitui a corrente sucessiva de gerações que mantêm, com dignidade, o legado dos seus antepassados, repõem e expandem o universo mítico-simbólico que sustentam as tradições de um povo, suas instituições, organizações territoriais e políticas, valores, linguagens, formas de comunicação através de narrativas míticas, modos de afirmação existencial e sociabilidades.

Estamos diante de uma concepção sobre educação capaz de acolher linguagens cuja matriz seja “[...] *a criação emocional e poética dos povos que mobiliza e abre caminhos, pontes de aproximação entre comunidades diversas*” (SANTOS, 2002, p.26). É ao sabor desse universo mítico-simbólico, que caracteriza o discurso e as linguagens da elaboração de mundo africano, que nasce o título deste texto “*no tempo em que os seres humanos conversavam com as árvores...*”.

É assim que os/as mais antigos/as costumam transmitir saberes aos/às mais novos/as nas comunidades de matriz africana. Cada história, conto, cantigas, parábolas, provérbios, são anunciados com essa introdução carregada de poesia mítica, demonstrando que o conhecimento a ser transmitido vem de tempos imemoriais, isto é, desde que o mundo é mundo.

Os/as mais antigos/as nos contam que quando Oxalá, orixá que representa o ar veio a esse mundo, criou os seres humanos, e para cada ser humano criou uma árvore. As árvores carregam o princípio de ancestralidade, representam, portanto, os ancestrais e são elas que estabelecem a dinâmica da relação entre os seres humanos e a natureza.

Oxalá está relacionado à cor branca, “[...] *o axé, sangue branco... caracterizado por substâncias minerais como o giz, metais brancos, como prata e chumbo, pela seiva da palmeira igi-ope, pelo algodão, pelo sêmen, pelos ossos e pela chuva. Pela chuva-sêmen que fertiliza e fecunda a terra regenerando-a e proporcionando o brotar das sementes. [...] Apresenta representações simbólicas de progenitura, capacidade de gerar filhos, de expandir a descendência, multiplicação dos seres tanto no aiyê como no orun.*” (LUZ, 1995, p.89).⁴(grifos nossos) Oxalá possui poderes que garantem a

⁴Cf. SANTOS, 1985:39. O *axé* expressa a força que assegura a existência, permite o acontecer e o devir, e as possibilidades do ciclo vital. Como toda força o *àsé* é transmitido e conduzido por meios materiais simbólicos e acumulável, portanto, só pode ser adquirido por introjeção ou contato aos seres humanos ou aos objetos. *Axé* em *nagô* significa força invisível, mágico-sagrada de toda divindade, de todo ser animado de toda coisa. Nas comunidades-terreiro *nagô*, a existência é elaborada em dois planos: o *àiyé* o mundo, e o *òrun*, que representa o além. O *àiyé* é o universo físico concreto, e a vida de todos os seres naturais que o habitam, portanto, mais precisamente, os *ará-àiyé* ou *aráyé*, habitantes do mundo, a humanidade. Já o *orun* corresponde ao espaço sobrenatural, o outro mundo, o além, algo imenso e infinito. Nele habitam os *ara-òrun*, que são os seres ou entidades sobrenaturais.

existência e, pela sua importância no panteão nagô, merece respeito e atenção. Se for contrariado ou desrespeitado, ele pode causar grandes danos, tal o seu poder.

Das árvores criadas, algumas se destacam nessa relação simbólica, a exemplo do dendezeiro com seus frutos, folhas e taliscas. Os frutos do dendezeiro compõem os instrumentos de Ifá, ou seja, a forma tradicional que o povo nagô/iorubá utiliza, para consultar sobre os destinos dos seres humanos. As folhas estão relacionadas ao culto dos ancestrais masculinos, os mariô, representando filhos, descendência ininterrupta. As taliscas de onde as folhas se desprendem representam os ancestrais. Nesta estética do sagrado, as árvores são as responsáveis pela purificação do ar para que os seres humanos tenham plenitude de vida.

Para aprendermos mais sobre o princípio de ancestralidade, nada mais oportuno do que apelar para um conto mítico que se desdobra do universo existencial característico da ancestralidade e visão de mundo africanas. Nele tradição e contemporaneidade se intercambiam, estruturando linguagens e valores do patrimônio simbólico.

Os contos míticos reúnem sabedorias milenares cujos princípios éticos conduzem, influenciam e atualizam o viver cotidiano das comunidades de base africana.

“Os contos, em sua originalidade, se constituem também em formas específicas de transmissão de valores religiosos, éticos e sociais da tradição dos mais velhos aos mais jovens. Eles se caracterizam como um aspecto da pedagogia negra iniciática, transmitidos numa situação, aqui e agora, a qual faz alusão, constituindo a experiência vivida em sabedoria acumulada. A comunicação se processa de maneira direta, pessoal ou intergrupar, dinâmica, muitas vezes acompanhada por cânticos, danças e dramatizações.” (LUZ, 1977, p.60).

Deóscoredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi Asipá, como é conhecido um dos mais expressivos sacerdotes da tradição nagô, possui um riquíssimo acervo de contos, cujas narrativas expressam modos de sociabilidades singulares. As narrativas dos contos de Mestre Didi caracterizam-se pelas analogias, plasticidade das imagens, dramatizações, recriações, que ilustram a dinâmica dos textos e o complexo contexto simbólico nagô.

Adaptamos especialmente para a série **Educação: oralidade, memória e formação**, o conto “O Filho de Oxalá que se Chamava Dinheiro”, extraído do acervo literário de Mestre Didi, ilustrando de modo extraordinário o modo africano de educar. Nossos filhos costumam ser

educados com os valores éticos transmitidos pelos contos, e a partir deles, aprendem a lidar com a dinâmica da vida exigida pelo mundo contemporâneo.

O Filho de Oxalá que se Chamava Dinheiro

No tempo em que os seres humanos conversavam com as árvores, Oxalá tinha um filho conhecido por Dinheiro que era um homem muito metido, egoísta, arrogante muito prepotente. Um dia Dinheiro, querendo aparecer como muito poderoso na frente de várias pessoas, desafiou seu pai o rei Oxalá, dizendo que conseguia andar com Iku a Morte, e levá-la para qualquer lugar que se possa imaginar.

Para mostrar que era capaz de dominar Iku, Dinheiro resolveu ir buscar a Morte e trazê-la à presença de Oxalá. Para isso ele resolveu deitar numa encruzilhada, ficar quieto por um tempo, esperando a oportunidade para pegar Iku.

As pessoas passavam pela estrada ficavam chocadas com a situação e comentavam:

-Oxente! Que absurdo é esse! Como pode esse homem ficar deitado aqui nessa encruzilhada com a cabeça virada na direção da casa de Iku e os pés virados um para o lado da moléstia e o outro para o lado da desavença. É demais!

O que ele está querendo mostrar com isso?

Depois que Dinheiro ouviu vários comentários sobre a atitude dele, levantou-se e comentou ironicamente:

--Ah! Agora eu já sei tudo o que precisava saber e já sei como agir.

Saiu com uma rede em direção à casa de Iku, foi entrando e tocando os tambores, instrumento que a dona da casa utilizava para realizar o seu trabalho de levar as pessoas para o outro mundo o *orun*. Dinheiro ficou na espreita aguardando a Morte aparecer reclamando dos toques dos tambores.

Não demorou muito, Iku aparece chateada, querendo saber quem era o atrevido que tocava seus tambores. Desprevenida foi capturada por Dinheiro, que jogou a rede prendendo-a.

Dinheiro, com toda a sua arrogância, arrastou a Morte até o palácio de Oxalá e foi entrando e dizendo:

-Não disse que traria Iku a vossa presença?

Oxalá na mesma hora repreendeu-o e disse-lhe:

-Saia daqui agora mesmo com Iku!Você é o causador de todas as coisas de bem e mal que existem no mundo. Leve a Morte!

Por este motivo é que, por causa do dinheiro, todas as qualidades de crimes têm sido e continuam a ser praticadas.

O dinheiro no mundo africano tem uma outra conotação e representação, diferente do mundo europeu. O “dinheiro” como modo de troca está ligado à fertilidade e à restituição. Nos antigos reinos ioruba, a moeda eram os búzios que tinham um valor inestimável, pois representam ancestralidade.

Os ornamentos de determinados orixá apresentam constelações de búzios, caracterizando expansão de famílias, comunidades e sucessão de ancestralidade.

Na concepção de fertilidade, está presente a idéia implícita de restituição e de morte. Assim, o poder da fertilidade e o de restituição andam juntos.

No conto, o desafio do mais novo ao mais velho, inclusive considerando o poder ancestral contido em Oxalá, é uma quebra de valores significativos da tradição e compromete a harmonia e a coesão da comunidade. Neste relato, o desafio do filho ao pai é motivado pelo grande poder de representação do Dinheiro ao qual nos referimos.

O poder, no contexto do mundo contemporâneo, é caracterizado pelo dinheiro e toda a onipotência que ele pode exprimir. A arrogância, o egoísmo, o poder de destruição, a desarmonia, a banalização da morte, as tentativas de obtenção de um poder absoluto o desrespeito à ancestralidade, tudo isso está contido na mensagem do conto.

“A ética para o futuro no contexto deste mito africano, apresenta-se como valores, linguagens, modos e formas de sociabilidade que contemplam a transcendência do”. Ancestral- esse pai que, mesmo morto, determina. O culto aos ancestrais responde pelo poder do pai morto. A ética, enquanto discurso da autoridade ancestral, é holística, comunitária, consubstanciando a força do grupo.” (SODRÉ, 1992, p.11).

A ética do futuro, dentro dessa dinâmica ancestral, elabora e faz expandir o direito à existência, as condutas individuais e coletivas. Este princípio ético tem vigor nas formas tradicionais das comunidades de origem africana onde o ato de educar é concebido como uma dinâmica capaz de fazer irradiar os mistérios transcendentais da vida e da morte.

Na tradição nagô/ioruba, a educação realiza o [...] *poder de tornar presente a linguagem abstrato-conceitual e emocional elaborada desde as origens[...] Poder de tornar presentes os fatos passados, de restaurar e renovar a vida. Reconduzir e recriar*

todo o sistema cognitivo emocional, tanto em relação ao cosmos como em relação ‘a realidade humana.’ (SANTOS, 1997,p.4).

A perspectiva que destacamos nos inspira a perseguir iniciativas em prol das Diversidades Culturais, produzindo possibilidades didático-pedagógicas que afirmem que EDUCAR é repor os valores e princípios herdados e reelaborados-legado ancestral. É expansão socioexistencial da diversidade humana, fruto de civilizações milenares que inauguraram diversos territórios em todos os cantos do planeta, e que lutam há séculos, tenazmente, para mantê-lo viável à vida.

Por fim, gostaríamos de reverenciar os nossos ancestrais que, nas suas trajetórias de vida, lutaram com afinco para assegurar o direito às condições existenciais necessárias para que as gerações sucessoras expandissem seu legado civilizatório.

“Mo juba.

Gbogbo asse tinu ara

Saúdo e venero

A todos os asese,nossas origens,

Contidos em nosso corpo comunitário.

As origens e sua permanente recriação permitem o existir da comunidade.

Bibi bibi lo bi wa

Nascimento do nascimento que nos traz o existir.”(SANTOS,Deoóscoredes; SANTOS,Juana 1993,p.29).

Referências:

Sobre a presença da civilização africana nas Américas e suas contribuições para elaborarmos perspectivas educacionais promissoras recomendamos:

LUZ, Marco Aurélio. *Agadá dinâmica da civilização africano-brasileira*. Salvador: EDUFBA, 2001.

LUZ, Marco Aurélio. *Do tronco ao Opa Exin*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra em tempos pós-modernos*. Salvador: EDUFBA. 2002.

LUZ, Marco Aurélio. Alguns Aspectos da Comunicação na Cultura Negra..*Revista Vozes*, Petrópolis, n.9p.60-72,1977.

LUZ, Narcimária (Org) *Pluralidade cultural e educação*. Salvador: Secretaria da Educação do Estado da Bahia :SECNEB, 1996.

LUZ, Narcimária *ABEBE: a criação de novos valores na educação*. Salvador: Edições SECNEB, 2000.

SANTOS, Juana Elbein. *Os nagô e a morte*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SANTOS, Deóscoredes M. e SANTOS, Juana Elbein. A Cultura Nagô no Brasil. *Revista da USP*, n.18 p.. 29-40, 1993.

SANTOS, Juana Elbein (Org.). *O emocional lúcido*. Salvador: SECNEB, 2002.

SODRÉ, Muniz.. *O monopólio da fala*. Petrópolis: Vozes, 1977.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SEMENTES CADERNO DE PESQUISA. Salvador: Departamento de Educação Campus I, Universidade do Estado da Bahia-UNEB, 2000-2003.

Para conhecer o repertório dos contos de Mestre Didi, desdobramentos da ancestralidade africana:

SANTOS, Deóscoredes, *Contos crioulos da Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTOS, Deóscoredes Maximiliano. *Contos Crioulos da Bahia, Creole Tales of Bahia, Àkójopó Ìtan Àtenu'denu Iran Omo Oùduwà ni Ilè Bahia*. Salvador: Núcleo Cultural Níger Ikàn, 2004.

SANTOS, Deóscoredes. *Contos crioulos da Bahia e contos negros da Bahia*. Salvador: Corrupio, 2003.

SANTOS, Deóscoredes, *Contos negros da Bahia*. Rio de Janeiro: GRD, 1961.